

Revista
Latino-americana de

Geografia e Gênero

Volume 12, número 2 (2021)

ISSN: 2177-2886

Artigo

Mulheres: Organização, Resistência e Sobrevivência na Catação de Material Reciclável

*Mujeres: Organización, Resistencia y Supervivencia
como Recogedoras de Materiales Reciclables*

*Women: Organization, Resistance and Survival in
Collecting Recyclable Material*

Amanda Motta Castro

Universidade Federal do Rio Grande – Brasil
motta.amanda@gmail.com

Cristiane Troina Ferreira

Universidade Federal do Rio Grande – Brasil
cristroina@gmail.com

Raylene Barbosa Moreira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Brasil
raylenemoreira95@gmail.com

Como citar este artigo:

CASTRO, Amanda Motta; FERREIRA, Cristiane Troina; MOREIRA, Raylene Barbosa. Mulheres: Organização, Resistência e Sobrevivência na Catação de Material Reciclável. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 12, n. 2, p. 19-38, 2021. ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

Mulheres: Organização, Resistência e Sobrevivência na Catação de Material Reciclável

Mujeres: Organización, Resistencia y Supervivencia como Recogedoras de Materiales Reciclables

Women: Organization, Resistance and Survival in Collecting Recyclable Material

Resumo

O presente trabalho apresenta a história de três mulheres trabalhadoras da Cooperativa de Reciclagem Santa Rita de Cassia, localizada em Rio Grande, no extremo sul do Rio Grande do Sul. Foram utilizados, como metodologia, pressupostos de história oral com entrevista semiestruturada. Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa cujo objetivo geral é compreender como as mulheres que se ocupam da catação de material reciclado reconhecem sua identidade atrelada a esse trabalho. A luta cotidiana se entrelaçou com os referenciais teóricos utilizados neste trabalho, fortalecendo o debate com e a respeito das mulheres. Reconhece-se, assim, a luta, a construção de suas identidades, o direito de ser que essas mulheres conquistaram e conquistam todos os dias.

Palavras-Chave: Mulheres Catadoras; Identidade; Feminismo; Catação.

Resumen

El presente trabajo aborda la historia de tres trabajadoras recicladoras de la Cooperativa de Reciclaje Santa Rita de Cassia, institución ubicada en la ciudad de Rio Grande, en el extremo sur del Estado de Rio Grande do Sul. Como metodología fueron utilizados antecedentes teóricos de la historia oral con entrevistas semiestructuradas. Por ello, se trata de una investigación cualitativa cuyo objetivo general es comprender cómo las mujeres que trabajan en el recojo de materiales reciclables, reconocen su identidad vinculada a este tipo de trabajo. La lucha diaria se entrelaza con los referentes teóricos empleados en este trabajo, con la finalidad de fortalecer el debate con y sobre las mujeres. De este modo, se busca el reconocimiento de su lucha, la construcción de sus identidades, el derecho a ser que estas mujeres conquistaron y conquistan todos los días.

Palabras-Clave: Mujeres Recicladoras; Identidad; Feminismo; Recolección.

Abstract

This work presents the history of three women workers of the Santa Rita de Cassia Recycling Cooperative, located in Rio Grande, a municipality in the extreme south of Rio Grande do Sul State. The methodology employed includes oral history and semi-structured interviews. It is, therefore, a qualitative study whose general objective is to understand how women who work collecting recycled material recognize their identity linked to this work. Their daily struggle was intertwined with the theoretical references used in this work, strengthening the debate with and about women. Thus, the struggle, the construction of their identities, the right to be that these women have conquered and conquer every day are recognized.

Keywords: Female Waste Pickers; Identity; Feminism; Picking.

Amanda Motta Castro, Cristiane Troina Ferreira, Raylene Barbosa Moreira



Primeiras Palavras

Dentre muitas discussões e inquietudes sobre promoção de poder e feminismo, a provocação que construímos para iniciar e dar continuidade ao debate é: para quem é a luta feminista? É inegável que precisamos ocupar todos os espaços e, para que possamos alcançá-los, é preciso promover a discussão, levá-la para fora dos muros acadêmicos para que mais mulheres componham a luta e estejam ao nosso lado e, mais que isso, que haja consigamos construir e despertar o sentimento da luta feminista ou, resumindo, que cada mulher consiga o despertar de seu empoderamento.

No Brasil, 'empoderamento', segundo Berth (2019), ainda é considerado um neologismo, ou seja, trata-se de uma palavra nova, utilizada quando não encontramos alguma outra existente para que possamos adjetivar. Berth (2019) chama a atenção para o fato de, como se trata de um conceito completo, principalmente considerando a atualidade, isso nos leva a refletir acerca da necessidade de compreendermos a complexidade desse termo. De acordo com a referida autora, são muitos os conceitos. Uma das definições trazidas por ela está pautada nas palavras de Solomon (1976) que traz o empoderamento como um processo de autodireção, ajuda e fortalecimento, sobretudo entre a população negra.

Frente ao exposto, o empoderamento aparecerá, ao longo de nossos escritos, nas palavras das mulheres que constituem a pesquisa. Tendo tido a oportunidade de chegar até as mulheres da cooperativa de material reciclado da Cooperativa de Reciclagem e Defesa do Meio Ambiente Santa Rita, mulheres que ainda não ocuparam o espaço da academia, mas que se movimentam de mãos dadas umas com as outras na luta cotidiana, vislumbramos um diálogo e um debate construídos e feitos a partir de outras realidades, além dos muros da academia.

A sede da Cooperativa era localizada junto ao antigo lixão da cidade de Rio Grande, extremo sul do Rio Grande do Sul, o qual, hoje, encontra-se desativado. A cooperativa ganhou um espaço fora das dependências do lixão, mas ainda fica localizada na periferia da cidade, no Bairro Augusto dos Anjos.

A pesquisa, que foi produzida com as vozes e mãos de mulheres, ocupantes ou não do espaço acadêmico, tem como inspiração os cadernos de Carolina Maria de Jesus¹, principalmente sua obra “Quarto de Despejo”, que foi publicada em forma de diário na década de 1950, contextualizando, a partir da sua história de vida, o cotidiano de uma mulher negra, periférica, que tira da catação de lixo o sustento para seus filhos. Seus cotidianos e suas lutas diárias são narradas por meio de uma escrita simples de uma mulher periférica, que, de uma forma singela e despreziosa, nos mostrou o cotidiano de uma mulher negra e favelada.

A pesquisa tem por objetivo geral compreender como as mulheres que se ocupam da catação de material reciclado reconhecem sua identidade atrelada a esse trabalho. Compreendemos que a identidade é um processo histórico-social construído a partir de elementos históricos, sociais, culturais, religiosos e psicológicos.

1 Carolina Maria de Jesus (1914-1977): uma das primeiras e destacadas escritora negra do Brasil, nos registros de Carolina de Jesus, podemos encontrar o dia-a-dia de uma mulher catadora na década de 1950 que, através da catação, sustenta seus três filhos na grande São Paulo.

O que buscamos, ao longo da construção da investigação, portanto, é mostrar a história de vida de cada mulher participante, ouvir e socializar suas histórias e, a partir de suas falas, fazer um recorte de gênero e dialogar a respeito da construção de suas identidades. Isso nos possibilita refletir acerca da importância da luta feminista, do empoderamento e como é fundamental que ocupemos todos os espaços da sociedade, colocando-nos entre todas as classes sociais. Como destaca Gebara:

As migalhas do feminismo organizado misturam-se a comida das mulheres pobres desorganizadas e dão-lhes um sabor diferente. Esse sabor lhes fornece de maneira quase espontânea um referencial diferente do tradicional na busca de seu objetivo fundamental: objetivo de melhorar de vida. (GEBARA, 2000, p. 16).

Acrescentamos o fato de que trazemos o desejo da luta, da resistência incorporadas em meio a uma pandemia do vírus Covid-19, que chegou no Brasil no início do ano de 2020, em que a possibilidade das discussões e a situação mundial de políticas para saúde, economia e social passam a ser reavaliadas.

Contar as histórias dessas mulheres é contar esse espaço de mobilização e luta cotidiana. Considerando o contexto de pandemia, em que muitas pessoas puderam realizar ou estão realizando o trabalho de forma remota, é possível perceber que as relações de trabalho, capitalismo e classes estão presentes e são determinantes na disputa da sobrevivência. Nesse sentido, destaca-se a importância de cada uma das mulheres, muitas chefas de família, que deram início à cooperativa e estão lá, lutando umas pelas outras e de mãos dadas. Através de suas narrativas, elas mostram que ali a discussão sobre temática da luta feminista no cotidiano se faz presente na prática das mulheres catadoras.

Lugar de Pesquisa e a História do Lixão

Conforme apontado anteriormente, a história de Carolina de Jesus e a ideia de ocupar outros espaços de discussão, compreendendo a lógica de exclusão do sistema capitalista em que estamos inseridos/as, provocaram uma inquietação para que fosse feito o primeiro contato com as mulheres que trabalham com catação de resíduos recicláveis na Cooperativa de Reciclagem e Defesa do Meio Ambiente Santa Rita, conhecida popularmente como “cooperativa do lixão”.

O lixão é o ponto inicial para compreendermos o encontro dessas mulheres até a criação da cooperativa. Esse espaço é marcado por muitas histórias de resistência e sobrevivência. Salientamos que esse deixou de ser utilizado em novembro de 2009, passando o descarte de resíduos sólidos ao aterro sanitário e os materiais reciclados nas sedes das cooperativas de reciclagem da cidade.

Há muito tempo, a cidade do Rio Grande se utiliza de lixões, para a destinação final dos resíduos sólidos que restam das atividades urbanas. Naqueles locais são lançadas todas as formas concebíveis de resíduos, como lixo domiciliar, comercial, industrial, hospitalar e outros, provenientes de atividades típicas da cidade, indiscriminadamente. (OLIVEIRA, 1992, p. 57).

Amanda Motta Castro, Cristiane Troina Ferreira, Raylene Barbosa Moreira

Como destacamos acima, o funcionamento desse espaço ocorreu até 2009. Isso porque, em 2002, houve um grave acidente por atropelamento de um dos catadores, que veio a óbito. Como as ordens para fechar o espaço de catação faziam parte de uma medida provisória política que viabilizou minimizar os impactos sociais e políticos e a partir de uma manifestação do Ministério Público, como penalização, foi instituída a criação de um centro de triagem de matérias recicláveis possibilitando melhor a separação.

A busca pela sobrevivência faz com que várias mulheres passem os seus dias em meio a resíduos, muitas vezes não só buscando o material para reciclar ou vender, mas também o material com o qual elas darão forma a suas casas, material que as fará adentrar, mesmo que de forma precária, no mundo da leitura e educação formal – os livros – e, ainda, para algumas, o próprio alimento.

O lixo que, para uma parcela da sociedade, é apenas o descarte do que não serve mais, para outra parcela significativa, é transformado para constituir a renda básica da família e até mesmo construir seu lar. Com relação à questão de gênero, a fala de Vergès é de suma importância para que possamos refletir acerca desse trabalho:

Por um lado, esse trabalho é considerado parte daquilo que as mulheres devem fazer (sem reclamar) há séculos – o trabalho feminino de cuidar e limpar constitui um trabalho gratuito. Por outro lado, o capitalismo produz inevitavelmente trabalhos e vidas descartáveis. A indústria da limpeza é uma indústria perigosa para a saúde, em todos os lugares e para aquelas e aqueles que nela trabalham. Sobre essas vidas precárias e extenuantes para o corpo, essas vidas postas em perigo, repousam as vidas confortáveis das classes médias e do mundo dos poderosos. (VERGÈS, 2020, p. 25).

E muitos/as sobrevivem desse lixo. No Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), até o ano de 2005, 800 mil pessoas ocupavam-se da catação. Destaca-se que não estão inclusos/as catadores/as que não têm residência fixa, visto que o IBGE contabiliza apenas aqueles/as com domicílios, ou seja, existem ainda milhares de catadoras/es que sobrevivem da catação e estão ocupando espaços em lixões pelo país.

Enfatizamos que 70% dessas pessoas que se ocupam da catação são mulheres e, na sua grande maioria, responsáveis pelo sustento da prole. São essas mulheres que dão conta da coleta e separação de 90% dos resíduos sólidos produzidos no Brasil, como mostra o Movimento Nacional dos Catadores de Recicláveis (MNCR):

O IPEA admite que o número total de catadores pode ser bem maior, uma vez que o Censo considera apenas o que declara o entrevistado, por ser uma profissão ainda pouco valorizada e ainda nova no mercado, uma parte dos trabalhadores não se assumem como profissionais. Os catadores e catadoras que vivem em situação de rua são invisíveis aos olhos técnicos do IBGE. Como a pesquisa Censo conta as pessoas por domicílio, as pessoas sem teto ou moradores em áreas irregulares não são contabilizados. Isso inclui, ou exclui, os

catadores que trabalham e moram em lixões a céu aberto, realidade presente em todo o território nacional e destino certo de 60% dos resíduos gerados hoje no Brasil. (MNCR, 2017, s/p.).

Conforme apontado nos dados, as mulheres são a maioria nesse ambiente de catação. Importante ressaltar que, mesmo sendo elevado o número, tem-se aqui apenas um panorama baseado nos dados divulgados de 2014 e postados *nosite* em 2017, haja vista que são os últimos dados divulgados. Assim, é possível que esse número seja ainda maior, devido às mudanças socioeconômicas que ocorreram nos últimos anos no nosso país. Utilizamos, portanto, como base os dados publicados no MNCR.

Ainda hoje, quando consideramos as últimas pesquisas e informações encontradas, observamos que as mulheres estão em maior número nesse contexto de cooperativa de triagem. Como abordaremos ao longo do trabalho, elas desempenham papéis fundamentais e de liderança. Ainda assim, as mulheres enfrentam dificuldades, são frequentemente questionadas pelos lugares que ocupam na cooperativa, conforme podemos observar:

As catadoras, em muitos casos arrimos de família, são verdadeiras lideranças comunitárias que agregam, conciliam e organizam outros trabalhadores em seu entorno. A função de administradora familiar vai de encontro com a necessidade das organizações autogestionárias (cooperativas e associações) que hoje vem sendo incluídas formalmente nas políticas públicas e fomentadas pelos Governos. É recorrente a atuação das mulheres do trabalho de triagem e classificação dos materiais, trabalho que é considerado núcleo principal do processo produtivo das organizações de catadores, por isso também é a função que recebe maior pressão interna dentro do empreendimento, além de ser uma atividade pouco valorizada frente a funções consideradas “mais pesadas” como a operação de maquinário, deslocamento, carregamento e transporte de materiais funções consideradas masculinas. É recorrente observar o trabalho feminino sendo pago com valores inferiores aos dos homens. (MNCR, 2017, s/p.)

A exemplo disso, citamos o próprio trabalho na cooperativa, em que as mulheres se encarregam do serviço de triagem, separando e escolhendo os materiais. Vemos, por este lado, a naturalização do discurso em que os homens são biologicamente mais fortes e os cuidados ficam a cargo das mulheres, portanto, elas são responsáveis pela separação e os homens ficam encarregados de trabalhar nas “prensas”, maquinário considerado pesado e demanda maior força física.

Especificamente o lugar da pesquisa, o bairro Augusto dos Anjos, abriga hoje uma população que tem por volta de 235 famílias em situação de vulnerabilidade social, em posses de terras, sem esgoto, sem água e luz elétrica distribuídos de forma correta. Algumas das mulheres que desenvolvem suas atividades de trabalho na cooperativa são moradoras desse bairro ou moradoras dos bairros dos arredores, como Castelo, Santa Rosa e principalmente do Bairro Santa Rita, local onde começou a ideia e a organização da cooperativa.

Com auxílio de professores da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), foi organizado um mapeamento dos/as catadores/as que moravam na

comunidade Santa Rita e que se ocupavam da catação de lixo, para que pudessem aproveitar uma compensação ambiental que deveria ser feita pela empresa responsável pela coleta de resíduos. Foi instalada, no mesmo espaço do antigo lixão, a Cooperativa de Reciclagem de Defesa do Meio Ambiente Santa Rita, fundada em julho de 2012, conforme narrou uma das fundadoras em uma das nossas conversas.

As cooperativas surgiram como alternativa ao sistema capitalista, unindo pessoas em torno de um objetivo, dividindo equitativamente seus “frutos”. Hoje, a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) divide em sete os ramos de cooperativas. No total, 6,2% dos/as brasileiros/as são associados/as a cooperativas, número que, no Rio Grande do Sul, sobe para 24,8 %, de acordo com o Anuário Brasileiro do Cooperativismo (2019).

A formação do bairro em torno do lixão, no qual a cooperativa está situada, deu-se após o fato de ela estar consolidada no local. Não encontramos fontes, tampouco as mulheres que compõem a pesquisa souberam precisar, de como se deu a formação da comunidade, composta por pessoas que residem próximas ao depósito do material para ficar mais perto desse lugar, tirando daí o seu sustento. Vislumbrando o sustento das suas famílias, trabalhar com material reciclável tornou-se uma maneira viável de gerar renda.

Em nossos encontros, mesmo antes do início da pesquisa, as mulheres sempre mostravam em conversas o desejo de narrar suas histórias, o que as constituía como mulheres naquele espaço e também em suas vidas fora da cooperativa, demonstrando, assim, a vontade de que suas histórias sejam publicadas, bem como seus nomes, afinal quem separa o “lixo” tem nome e tem história. Portanto, a pesquisa parte da perspectiva das mulheres que trabalham nesse espaço e, além disso, vislumbra falar sobre o feminismo para todas, o feminismo extramuros, conforme apontamos anteriormente.

Caminhos Metodológicos

A pesquisa, de caráter qualitativo, vislumbra, através de pressupostos metodológicos de história oral, compartilhar a vivência de mulheres que foram por muito tempo silenciadas. Analisamos, por meio de suas trajetórias, as suas perspectivas de vida e seus cotidianos na rotina do trabalho com a catação de materiais recicláveis.

Entrevistamos três (03) mulheres que trabalham na cooperativa, que trabalham nesse espaço há mais tempo e estiveram presentes na sua construção. Ao contar suas memórias, essas mulheres possibilitaram pensar e repensar a rede de significados e a sua importância como trabalhadoras de uma cooperativa de reciclagem. As entrevistas já aconteciam de maneira informal, quando havia rodas de conversa, ações, quando levávamos algum material, alimentos ou luvas e máscaras. Oficialmente, realizamos a entrevista no início do ano de 2021.

A ciência produzida segundo os cânones da lógica disciplinar foi padecendo de um excesso de certezas, da arrogância acadêmica e, portanto, da falta de diálogo entre as diferentes áreas e, também, da ausência do diálogo entre as ciências e os demais saberes - popular, filosófico, místico etc. (ZITKOSK, 2017).

Jaime José Zitkoski (2017) recorre a conceitos de dialogicidade para destacar

Amanda Motta Castro, Cristiane Troina Ferreira, Raylene Barbosa Moreira



a construção do humano histórico. Ao publicizar as palavras de fora do mundo (muro) acadêmico, agimos como humanos em uma sociedade de comunhão, em que cada ser humano é fundamental na constituição histórica coletiva.

De acordo com Meihy (2005), ao trabalhar com história oral e memória, possibilitamos que as mulheres envolvidas na pesquisa possam humanizar suas percepções de mundo, utilizando a fonte oral como recurso para que a memória revisitada possa demonstrar a narrativa e as experiências das envolvidas, para que possamos, nesta pesquisa, exibir o lugar ocupado por essas mulheres. Nas palavras de Meihy:

Quando a memória é convocada para projetos que tratam aspectos da localização dos indivíduos na sociedade, seus enquadramentos são concebidos como filtros que conduzem a narrativa das experiências. Assim, pode-se relacionar a existência da memória segundo condição do trabalho, saúde, orientação sexual ou outra manifestação que organize a leitura dos fatos relevantes para vida. (MEIHY, 2005, p. 363-7).

Salientamos aqui que a narrativa (história contada) é uma seleção de fatos e impressões que são elencados pelas mulheres da pesquisa. Mesmo com perguntas pré-construídas, foi possível visitar as memórias julgadas como pertinentes ao processo e ao momento que vivenciam. A entrevista é um documento entre os/as envolvidos/as – entrevistado/a e entrevistador/a – e também de memória. Documento de ação em que a narrativa não é mera rememoração do passado, sendo, sim, a interpretação do entrevistado/a e entrevistador/a para as respostas às questões da pesquisa. Nesse ato transformador do passado, toma-se o exemplo da história oral coletiva que, embora seja um fato social, quem conta – o/a narrador/a - quando pertencente ao grupo envolvido, insere sentimentos à ação interpretativa.

Embora a memória coletiva seja um documento, sua validação se dá no individual, tendo o/a entrevistado/a valor, ao tensionar o sentimento do coletivo. A história oral, vinda da memória de indivíduos silenciados, dá valor à história coletiva, seja incorporando-a ou rejeitando-a. Tendo em vista os pressupostos da educação popular, nos quais todos os saberes são importantes e, segundo Brandão (2012), através da oralidade, instaura-se a constituição da identidade e do reconhecimento e pertencimento dos indivíduos ao mundo em que estão inseridos.

Vemos, nas histórias dessas mulheres catadoras, que o feminismo “é reconhecer seus sacrifícios, honrar suas vidas em toda a sua complexidade, os riscos que assumiram, as hesitações e as desmotivações que conheceram” (VERGÈS, 2020, p. 35). Portanto, com a escolha da metodologia abordada acima, os objetivos da pesquisa foram alcançados, proporcionando resgatar o lugar de escuta e socialização da história dessas mulheres e como suas narrativas nos permitem compreender o feminismo² cotidiano.

Contextualizando o Trabalho da Mulher

No Diário de Bitita (1986), Carolina Maria de Jesus descreve, de uma forma muito simples, seu cotidiano de mulher negra, pobre e moradora da periferia. Em seus escritos, expressa a visão de mundo e também o papel histórico de

Amanda Motta Castro, Cristiane Troina Ferreira, Raylene Barbosa Moreira

uma imensa parcela da população oprimida do Brasil.

Seguindo a lógica da necessidade apresentada por essas vozes que, por muitas vezes não são ouvidas, necessitamos que outras Bititas ocupem os espaços e narrem suas vivências. A fala das participantes da pesquisa retrata a fala de cada uma de nós, que, por muito tempo, fomos silenciadas pelos detentores do poder na ordem das bicadas (SAFFIOTI, 1986) que tendem silenciar a classe subalterna. Essas vozes têm muito a nos dizer e ensinar.

Assim, assumindo um compromisso social e político, vislumbramos proporcionar que essas vozes sejam ouvidas, que ecoem por todos os espaços. Muitas são as pesquisas que narram a forma de vida dessa camada da sociedade, porém, poucas proporcionam que seus brados sejam realmente ouvidos, tendo, efetivamente, seu lugar de fala. Gonzalez (1984) mostra a perspectiva do lugar de fala, ao destacar o risco de assumir o seu espaço:

E o risco que assumimos aqui é todo ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido, falados, infantilizados (infans é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos) que neste trabalho assumimos a própria fala (GONZALEZ, 1984, p. 225).

O que propomos neste estudo é uma reflexão sobre as relações das mulheres que estão inseridas nesse espaço denominado formalmente por cooperativa. Esse local, onde estão presentes predominantemente trinta e três (33) mulheres e apenas seis (6) homens, aponta, na sua relação, aspectos de grande valia aos estudos feministas, visto que as relações e os laços que estão colocados nas vivências proporcionam a possibilidade de experimentar aspectos com os quais nos deslumbramos e lutamos diariamente.

Assim como no livro de Carolina Maria de Jesus (1967), no qual, desde a apresentação, é colocado o papel da mulher pobre e trabalhadora como participante-ativa de seu tempo e de sua história, esta pesquisa quer ouvir e ver essas mulheres. A respeito da exclusão e papel atribuído à mulher, presente no contexto de nossa sociedade:

As mulheres são amputadas, sobretudo no desenvolvimento e uso da razão e no exercício do poder. Elas são socializadas para desenvolver comportamentos dóceis, cordatos, apaziguadores. Os homens, ao contrário, são estimulados a desenvolver condutas agressivas, perigosas, que revelem força e coragem. (SAFFIOTI, 2004, p. 37).

As mulheres pobres acabam por ocupar espaços subalternos e periféricos no mundo capitalista. Para Vergès (2020, p. 134), “o trabalho há tanto tempo exercido pelas mulheres - o trabalho de ‘limpeza’ - é indispensável para a perpetuação da sociedade patriarcal e capitalista”. Esse trabalho é invisível dentro da sociedade e essa prática se perpetua até os nossos dias. Com relação ao trabalho, podemos afirmar que “a existência do ser humano é garantida por meio das relações de trabalho que propiciam a produção das relações socioespaciais” (MARTA; MORAIS, 2019, p. 114).

2 Tendo por base hooks (2018), compreendemos o feminismo enquanto um movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão.

Federeci destaca que nós, mulheres, sofremos com a exploração do nosso trabalho desde muito tempo:

La caza de brujas fue un evento fundante de la sociedad moderna que permitió generar muchas de sus estructuras, como la división sexual del trabajo, la desvalorización del trabajo femenino y, sobre todo, la desvalorización de las mujeres en términos generales, al crear y expandir la ideología de que las mujeres no son seres completamente humanos, sino seres sin razón, que pueden ser más fácilmente seducidas por el demonio, etc. En este sentido, abrió la puerta a nuevas formas de explotación del trabajo femenino. (FEDERECI, 2018, p.16).

Nós, mulheres, desde sempre estivemos presentes no processo do capital de forma invisível. A chave dos questionamentos da referida autora está justamente no fato de que sempre estivemos presentes na construção e manutenção da história, como no trabalho do cuidado com o lar, conforme Marx aponta em suas discussões:

Está claro desde Marx que o capital constrói seu domínio e se desenvolve por meio do salário, isto é, que a fundação da sociedade capitalista foi o trabalhador e a trabalhadora assalariada e sua exploração direta. O que não está claro nem tem sido visto como pressuposto entre as organizações dos movimentos da classe trabalhadora é precisamente o fato e que é por meio do salário que se organiza a exploração do trabalho não assalariado. Essa exploração tem sido especialmente eficaz porque a ausência de salário a escondeu... no que se refere as mulheres, seu trabalho parece ser um serviço pessoal externo ao capital. (FEDERICI, 2019, p. 62).

A história decretou o espaço do trabalho da mulher como “sendo a forma privilegiada de expressão do amor na esfera dita “privada”, os gestos repetitivos e os atos cotidianos de manutenção do lar e de educação dos filhos são atribuídos exclusivamente às mulheres” (HIRATA; ZARIFIAN, 2003, p. 66). Afinal, o “tempo” da mulher era de menor valor que o dos homens, vez que às mulheres está “destinado” o trabalho privado, da casa e aos homens, o espaço público, fora do cercadinho da casinha feliz. Enquanto o trabalho da mulher era um “dom natural”, ao homem cabia transformar a natureza, sendo seu trabalho útil.

Mulheres sempre trabalharam como mães, esposas, concubinas, escravas, entre muitos afazeres, quase a totalidade sem retribuição alguma. Se fizermos um apanhado entre Revolução Francesa e Industrial, perceberemos que os homens lograram empregos dentro de um mercado capitalista em crescimento. Os homens, aqueles que junto à suas famílias trabalhavam nos campos e nas residências de classes superiores, migram para empregos urbanos. A mulher da classe trabalhadora tinha o trabalho como necessário para prover necessidades humanas básicas, como alimentação e moradia.

Portanto, “a divisão entre a esfera produtiva e reprodutiva fortalece a hierarquia e a desigualdade entre homens e mulheres estabelecendo diferenças entre o sexo” (MARTA; MORAIS, 2019, p. 115). Na classe média, a mulher, esposa e filha, não deveria trabalhar para outra família, ela deveria

cuidar da sua própria residência, ocupando a posição do que é considerado “padrão social”, ideal para a mulher. Caminhando a contrapelo, essa mulher da classe média buscava e busca adentrar os espaços de educação e empregos mais qualificados.

Sabendo que o capitalismo estimula o consumo e não a educação, essa disparidade mantém a classe mais alta como detentora dos valores imateriais de *status* da cultura, a classe média como consumidora dele e a classe trabalhadora como produtora manual para sua manutenção para as classes superiores. Collins (2016) nos aponta que essa manutenção da estratificação social dá-se, mesmo dentro dos setores culturais femininos, comandada por homens que continuam ditando as regras, corroborando com o papel ideal de mulher que citamos acima.

Embora haja o aumento de mulheres que trabalham de forma expressiva na década de 1990, em meio à globalização, o trabalho ficou precarizado. Desigualdade salarial, condições de trabalho insalubres, descaso com a saúde da mulher são alguns dos problemas que cresceram proporcionalmente ao aumento de trabalho assalariado. Isso, além da manutenção ao não reconhecimento do trabalho doméstico como trabalho, relegando-o ao espaço do cuidar feminino.

A relação entre trabalho doméstico e afetividade parece estar no próprio cerne dessa permanência. Na verdade, as mudanças na divisão do trabalho doméstico são muito lentas. O desenvolvimento das tecnologias para uso doméstico tende a tornar as tarefas menos penosas, mas a divisão sexual desse tipo de trabalho e a atribuição do mesmo às mulheres continuou intacta (HIRATA, 2003, p. 16).

Acreditamos que, para além de uma categoria de trabalho, essas mulheres catadoras da cooperativa trazem, em suas histórias, construções que se entrelaçam entre elas, o ser, o ambiente e o seu lugar, conforme apontamentos que faremos posteriormente. As mulheres da catação que, desde muito cedo, estão inseridas no trabalho, para dele tirar sua subsistência, dentro do mundo capitalista, tiveram suas vidas ceifadas, restando-lhes buscar outras alternativas para sobreviver.

A sociedade capitalista mantém esses silêncios, ao escolher, entre as mulheres a serem encaradas como “sujeitas dignas de se defenderem e de serem defendidas”, os estereótipos da “mulher padrão”, aquelas que, mesmo ao defenderem uma causa, sejam “heroínas calmas, gentis e pacíficas” (VERGÈS, 2020, p. 105). Portanto, temos como compromisso desconstruir esse papel imposto, como também não desejamos colocá-las como personagens preestabelecidas.

Isso posto, salientamos que as mulheres sul-americanas, especificamente no local estudado, as brasileiras pobres, negras e periféricas, acabam ocupando esses espaços de subalternização e ambientes precários de trabalho, porque não ocupam o topo da ordem das bicadas (SAFFIOTI, 1987) e caminham a contrapelo do que foi pré-estabelecido para o padrão social de mulher aceita. Há muito tempo essas mulheres já ocupavam o campo de trabalho para prover o sustento de uma prole.

Diferentes Mulheres: O Trabalho na Cooperativa

Quando pensamos na situação das mulheres catadoras, as questões anteriormente apresentadas se ampliam. Trazer à tona o lugar ocupado pelas mulheres no lixão Santa Rita e o diálogo que construímos de uma forma muito didática e serena nos mostra, na prática, algo que buscamos apresentar nas pesquisas sobre feminismo: a sororidade e a empatia, praticando, assim, um feminismo que abrange todas as mulheres.

Segundo Gebara (2000), necessitamos de um feminismo que acentue o compromisso ético com as excluídas de nossa sociedade, em busca de um novo relacionamento entre homens e mulheres, em virtude de podermos possibilitar, através desta pesquisa, um espaço para experiência e vivenciar a organização de mulheres a partir das vivências já ocorridas no espaço ocupado pelas catadoras.

Como fora mencionado, as mulheres que compõem a pesquisa trabalham na cooperativa desde a sua fundação. Sendo assim, escolhemos, para este momento, três (3) delas que compõem esse espaço desde o processo de criação. Nesta pesquisa optamos, juntamente com as mulheres que a compõem, por usar seus nomes reais, sendo elas: Maria, Marina e Gessy³, que aparecerão posteriormente para nos explicar e falar sobre seus trabalhos na cooperativa.

A cooperativa teve sua sede inicial dentro das dependências do antigo lixão da cidade do Rio Grande, que atualmente se encontra desativado. As mulheres percorriam uma distância de 3 a 4 km para chegar até o local. Conforme relatado por uma de nossas entrevistadas, “esse caminho era percorrido com chuva ou sol”.

Nesse contexto de empregos, subemprego e precarização de mão de obra feminina, nascem as cooperativas como viabilização do processo de trabalho, proporcionando que as mulheres pobres possam ter alternativas de subsistência, ou seja, ter o mínimo para sua sobrevivência, como alimentação e moradia.

Até o mês de novembro de 2020, período em que conversamos com as mulheres que compõem a pesquisa, os óbitos por COVID -19 no Brasil ultrapassavam 160.000⁴. Nesse contexto de isolamento social, as mulheres tiveram sua jornada de trabalho triplicada por terem que lidar com os afazeres do lar, sua profissão e aquelas com filhos, ainda, tomar conta do ensino remoto – modelo de educação adotado nesse período de isolamento social. Destacamos que as mulheres não tiveram como opção o isolamento social, como já foi citado, acentuando o privilégio de classes da sociedade brasileira.

As mulheres da pesquisa foram prejudicadas ainda mais com o fechamento de muitos locais de trabalho e de empresas, diminuindo os materiais reciclados e, junto a isso, o fechamento das usinas por determinação dos governos estadual e municipal⁵.

3 Esta pesquisa foi desenvolvida dentro dos parâmetros éticos de pesquisa com seres humanos conforme orientação da ANPED e do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande.

4 Os dados e estatísticas a respeito dos óbitos por COVID-19 em nosso país podem ser encontrados em: <https://qsprod.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html>

Sabemos que o trabalho, desde a fundação da cooperativa, é fruto de muita luta, da busca incansável dessas mulheres para se tornarem mulheres independentes, donas de si – cada uma de seu modo, com suas particularidades – e construir suas identidades. Portanto, falemos do que antecedeu a chegada, destacando, primeiramente, o início da cooperativa e o ativismo da dona Gessy:

Terminou o mandato do conselho, retornei para o grupo de mães do bairro. A gente sempre teve uma boa relação, a gente tava reunidas. Aí apareceu na época a professora Marcia, acho que era da Universidade e o professor Marcos. Estavam fazendo um trabalho de arqueologia na Chácara do Seu Helder, porque essa chácara teve escravos trabalhando, né? [...] Um dia veio o professor Marcos e a professora, e perguntou “e essas pessoas da onde são? E eu disse “tem gente de tudo quanto é lugar, alguns são catadores, né?! Trabalham com o lixo recolhendo”. Aí ela começou a colocar ali fazendo a história, aí ela disse “tive conversando com o pessoal da prefeitura, gurias. Vocês não teria vontade de formar uma associação, uma cooperativa? Eu disse “de que a cooperativa?” “Uma cooperativa de reciclagem.” (GESSY)

Gessy continua dialogando conosco a respeito da construção da cooperativa, local em que atua desde a fundação. Participou do engajamento para esse trabalho não somente para seu empoderamento pessoal, mas pensando nas mulheres que entrelaçam sua história e trilham os caminhos de mãos dadas com ela. Seguimos conversando sobre a criação e as indagações:

Mas, como, se a gente não tem nada para trabalhar? E a professora disse “o material vocês vão ter.” Assim, oh... Na época a Rio Grande Ambiental⁶, devia para o município, tinha uma compensação ambiental. Eles teriam montado toda uma estrutura no antigo lixão, onde tinha a esteira, tinha as prensas tudo direitinho para poderem montar uma cooperativa, tudo o que precisava. Então ela falou “quem sabes vocês montassem uma cooperativa?” Aí eu digo “Mas como?” “Aí ela disse “vamos se reunir!” A gente se reunia todo final de semana. Eles trouxeram material, a gente se reunia estudando aquele material, vendo o que era uma cooperativa. Eles trouxeram um pessoal para fazer a formação para explicar o que era. Participava a Marina, a Maria, a Neuza, uma turma participava e fizemos essa formação, né? Ai eles fizeram uma pergunta “Vocês acham que já tá pronta? Podemos formar a cooperativa?” Eu respondi acho que sim. (GESSY)

5 Esse privilégio foi mostrado de várias formas. Enquanto uma parte das mulheres pôde continuar trabalhando de forma remota, outras tiveram que continuar a servir seus patrões para obter o sustento de suas casas, ou seja, a máquina do capitalismo continuou a ditar as regras na sociedade de classes.

6 Rio Grande Ambiental: empresa terceirizada responsável pela coleta de resíduos sólidos na cidade do Rio Grande.

Aí ela disse: “mas, antes de formar, a gente vai fazer uma visita”. Fomos a Novo Hamburgo, não lembro se foi um ou dois ônibus... Minto, antes de formar a cooperativa, fizemos um levantamento de pessoas que trabalham com a reciclagem [...] Aí veio em torno de 110 pessoas, escreveram essas pessoas que gostariam de trabalhar na cooperativa. Aí fomos para Novo Hamburgo visitar as cooperativas, passemos o dia lá vendo como as pessoas trabalhavam, o que era uma cooperativa, Foi muito bom! Quando retornamos, fizemos a fundação da cooperativa em 2012. 5 de junho de 2012 nós começamos a trabalhar, em março de 2012 a gente fundou, com uniforme e tudo. Aí então começamos. Experiência para trabalhar não tínhamos muito e até 2018 ficamos no antigo lixão e depois foi para lá (nova sede). (GESSY)

Ah, no caso meu trabalho é muito importante! Meu trabalho é como se eu fosse o presidente e a cooperativa é o meu Brasil, As pessoas não dão importância, trabalha no lixo é lixeira. As pessoas não têm noção do que a gente faz para chegar até ali. Tudo o que eu tenho agradeço a cooperativa. (MARINA)

“Eu gosto de estar no meio da mulherada, pra mim o trabalho da cooperativa é muito valorizado”. É com essa fala de Gessy que dialogamos com as mulheres a respeito de sentimentos, de como elas se sentem enquanto mulheres trabalhando na cooperativa. As falas nos emocionam, nos transmitem esperança e nos movem a continuar a dialogar com todas as mulheres, por meio de uma pesquisa militante que alcance e mobilize as mulheres de diferentes espaços. Assim, a partir das esperanças propagadas e construídas por essas mulheres, elas vão se educando entre si, construindo saberes e empoderamento, com as muitas mulheres que passaram e passam por esse espaço, constituindo-se e reconhecendo-se enquanto tal.

Foi acho que a sorte, a sorte porque eu tava precisando de serviço, a sorte porque eu tô até agora, tô um monte de ano. Eu me sinto bem, vou bem arrumada e bem pintada, me sinto que tô bem faceira e toco a minha vida, sempre fui assim e lá ganho o meu sustento. Eu preciso daquele serviço, eu até oro. É um serviço digno, não me acho que seja, às vezes pessoas dizem que tô no lixo, eu não me acho um lixo. Eu vou bem pintada, bem limpa, como todo mundo vai para um serviço qualquer, eu não me sinto, eu sinto que tô no serviço digno, que ganho o meu salário para me sustentar. (MARIA)

Olha eu me vejo igual às outras, me sinto realizada. Não me envergonho. As pessoas dizem pra mim “ah, porque tu já trabalhou ali, tu é louca!” Não sou louca, tô ali, estou fazendo o trabalho, eu não, nós todas estamos fazendo um trabalho para o meio ambiente. Olha, vai fazer um levantamento do que a gente já produziu, a gente já limpou o meio ambiente. Então eu me sinto realizada e gosto de

trabalhar com mulher, eu fui sempre a questão de defender as mulheres, isso pra mim assim. E o nosso trabalho é na maioria só mulher, eu conheci mulher, de todas mulher, diferentes mulheres, de diferente situação. Me chamam de Madre de Calcutá porque eu estou sempre ajudando. Aí dizem “ah, porque ela fez isso ou fez aquilo”, pra mim não me interessa, eu sempre fui essa questão de defende a mulher, tanto que eu quanto mulher eu me defendo, não deixo ninguém jamais me ofender me agredir, não aceito, e defendo qualquer mulher não aceito. (GESSY)

Até a chegada à cooperativa, cada mulher foi criando suas possibilidades, resistindo e lutando do jeito que elas conseguiam, até que se encontraram. Não foi o destino que as uniu, foi a luta. Falar sobre a chegada e a construção da cooperativa torna-se fundamental, assim como falar como essas mulheres se sentem enquanto mulheres e como enxergam o seu trabalho.

A chegada na cooperativa também antecede uma série de acontecimentos na vida de cada uma e modifica a percepção e a visão que elas têm de mundo, permitindo-nos enxergar o feminismo, o empoderamento e os saberes populares, compreendendo-os por meio das práticas das mulheres que trabalham neste espaço. Salientamos que pensar o feminismo é compreender que as práticas dessas mulheres e suas trocas de saberes que aqui chamamos de saberes populares, que são transmitidos e construídos uma para e com a outra, de forma a agregar o conhecimento no ambiente da catação, são levados também para o âmbito familiar e doméstico. Nesse processo, elas se reconhecem mulheres e sujeitas do mundo do trabalho, alcançando o processo de empoderamento. Tudo isso proporcionou a essas mulheres uma nova experiência de viver, uma forma mais branda de luta em que uma segue com a outra, uma forma de liberdade.

Salientamos ainda que este é o mover-se para além das amarras capitalistas, as relações construídas por elas, o movimento de valorização de si e das outras, o mover para buscar novas alternativas de vida, assim como Gerbara (2000) nos mostra na mobilidade da senzala feminina:

Mover-se parece ser libertar-se. Mover-se parece ser buscar, novas alternativas de vida e de liberdade. Liberdade precária...Liberdade frágil...liberdade que é mais um “livra-se “das situações difíceis e insuportáveis Liberdade pragmática, utilitária, dramática, doméstica... (GERBARA, 2000, p. 21).

Em tempo, “as mulheres, no decorrer dos tempos, buscaram por sua autonomia e espaço igualitário na sociedade e na ciência, passando por um grande processo de luta para não serem invisíveis na sociedade” (CORREIA; CHIES; FRANÇA, 2020, p. 143). Mover-se para essas mulheres é ressignificar as dores do cotidiano, as lutas diárias, sejam elas melhorias de âmbito público, como narrado por uma das entrevistadas, ou por melhorias no espaço privado que traz significantes resultados na luta contra violência doméstica.

Gerbara (2000) ainda nos mostra que a situação ruim não pode ser uma situação estável e aceitável. Como não se trata de um destino do qual não se



pode sair, é preciso se mover, sair do lugar, buscar saídas e caminhos diferentes. Desse modo, vemos fatos e experiências que antecederam a chegada dessas mulheres e, posteriormente a isso, os diferentes relatos que se encontram com a construção da cooperativa.

Para nós, catar e reciclar é importante e digo para elas “olha quanto o nosso trabalho é importante para o meio ambiente, olha que a gente faz com essa coleta seletiva” que entre aspas ainda não é uma coleta seletiva, existem pessoas que tentam fazer com que esse lixo chegue lá selecionadinho, limpinho, separadinho. Mas a grande maioria não tem noção ainda o que separar teu lixo em casa, tu vai separar teu lixo não vai colocar a casca de batata, a erva mate, isso acontece muito. Vem a lata de tinta junto, derrama contamina tudo, vem garrafa de óleo mal fechada e acaba contaminando os outros materiais, vem papel higiênico no meio dos outros materiais. Falta conscientização das pessoas e quem pode fazer isso, é nós, os cooperados. O município tem que fazer a parte dele de conscientizar as pessoas, não só passar o caminhão, o coletor abre mistura tudo, eles olham e misturam tudo. (GESSY)

Eu vejo é muito livro que vai pra lá, a gente separa as coisas. Foi lá que eu aprendi a reciclar pra mim, sou catadora de rua com muito orgulho! Eu junto as garrafas quando vou trabalhar bem cedo, separo tudo bem direitinho e vendo. As pessoas dizem que eu cato tudo. Eu digo com muito orgulho, eu tenho 4 filhos, 3 meninas e 1 menino. A minha história é bem importante porque eu vim pequena para cá para ajudar a minha irmã e as minhas sobrinhas são professoras. Eu me sinto assim, aquele serviço pra mim é tudo, eu me sinto bem, eu estudo porque é importante. A gente passa cada coisa, mas eu sou evangélica, tenho Deus. (MARIA)

As falas de Gessy e Maria nos mostram a importância do trabalho da reciclagem. Reciclar é trabalhar em um mundo de possibilidades, ou seja, elas conseguem perceber o valor de seu trabalho, encarando-o como um gesto de não conformismo com uma situação de opressão. Essas mulheres buscaram uma saída organizada, acharam na cooperativa uma forma de se mover, de visar a um mundo de possibilidades em um trabalho que, para elas e para nós, é de grande valia, reconhecendo que

a estrutura social de exclusão revela assim no fundo, existe uma parcialidade social marcada não só pela diferença entre as classes, mas também pela diferença sexual tornada cultura. Essa última diferença toca na organização mais elementar da cidadania, revelando o quanto não se trata apenas de aceder aos benefícios da organização social e política vigente, mas de mudá-la na linha do respeito real as diferenças. (GERBARA, 2000, p. 72).

Portanto, a construção de uma cooperativa, o trabalho entre mulheres e a importância do trabalho delas para a cidade de Rio Grande fazem com que as

diferenças sociais sejam respeitadas e, principalmente, valorizadas, na compreensão de que cada papel social é importante para a manutenção e o equilíbrio, nesse caso mais pontual, do meio ambiente e, também, do social. Além disso, essas mulheres rompem a

[...] hierarquia dos papéis desempenhados por homens e por mulheres colocadas numa condição de exploração do trabalho, o que acaba sendo naturalizado por elas nas tarefas de: “a) cuidar dos filhos; b) limpar e arrumar a casa; c) preparar refeições; d) lavar a louça e roupas; e) estender a roupa no varal; f) cuidar de familiares doentes/idosos; g) ajudar nas tarefas da escola dos filhos. (PEREIRA; AZINARI; FERREIRA, 2018, p. 111).

O espaço do trabalho para essas mulheres nos permite pensar em uma subalternização do trabalho e como ele constitui a identidade dessas três mulheres. Com elas, compreendemos e reconhecemos a importância do trabalho feito na cooperativa, a necessidade de que os/as trabalhadores/as sejam reconhecidos/as e valorizados/as por realizarem um trabalho fundamental, porém, invisibilizado. Com essas histórias não somente reconhecemos e conhecemos isso, mas também podemos ver como essas mulheres resistem e se reinventam todos os dias.

Palavras Finais

Concluir este trabalho, refletir sobre sua importância é pensar e repensar o empoderamento, é falar sobre descoberta e abrir possibilidades para continuar na luta acadêmica e pela socialização desse espaço. Quem nós somos está aqui, quem está aqui também são essas mulheres que lutam cotidianamente para levar o seu sustento. Nós estamos aqui, juntas.

Além disso, a luta cotidiana se entrelaçou com os referenciais teóricos utilizados neste trabalho que proporcionaram o fortalecimento do debate a respeito das mulheres e o trabalho, possibilitando a compreensão da lógica capitalista que resulta na exclusão das mulheres, do trabalho, sobretudo das mulheres mais pobres.

Esta pesquisa nos proporcionou um diálogo mais estreito com as mulheres que trabalham na cooperativa. Precisamente, a condição de se falar de feminismo além dos muros da escola e da academia possibilitou que enxergássemos a construção de suas identidades e, para, além disso, nos aproximou de um feminismo que não está posto, colocou-nos próximas de um feminismo construído a partir da prática, sendo essas mulheres políticas ou apolíticas.

Estar entre essas mulheres também nos permite ressignificar a luta feminista e nos proporciona o aprender na prática. Acreditando que é possível um feminismo para todas, esta pesquisa tem nomes reais, sonhos, relatos de mulheres que vivem à margem e têm seu trabalho estigmatizado. Mas o que vislumbramos é ouvir, construir uma escuta sensível e dar a vez às mulheres que fazem um trabalho essencial para a sociedade.

Justificamos a necessidade de a pesquisa dar visibilidade a mulheres que são consideradas na sociedade de classes como subalternas, que trabalham nos

Amanda Motta Castro, Cristiane Troina Ferreira, Raylene Barbosa Moreira



bastidores do capitalismo, para sua manutenção. Entender que, nesse processo capitalista, enquanto alguns estão no topo da pirâmide oprimindo, existe uma grande parcela da sociedade que sobrevive de migalhas.

Essa escrita, iniciada no ano de 2018 e finalizada em 2020, em um contexto de pandemia, tendo que lidar com as particularidades do momento, em um governo neoliberal que pouco se importa com a vida desses cidadãos invisíveis, que, inclusive, banalizou o momento e as nossas dores, significa transgredir a luta e fazer com que as vozes ecoem por entre as redes, por entre os espaços em que comumente não circulariam.

A escuta de somente três mulheres, ou seja, apenas uma parcela desse contexto tão gigante que é o trabalho de mulheres catadoras, acendeu o desejo de escutar todas aquelas vozes que se mantiveram trabalhando durante um período em que praticamente todo mundo parou, em que boa parte da população teve o privilégio de cumprir, pelo menos parte de sua quarentena em casa, com sua família, e o quanto ainda temos de ouvir, aprender a praticar a escuta.

Temos muito a dizer enquanto pesquisadores, mas é o momento de ouvir as vozes que ficam à margem da sociedade. Há muito para ser dito e ensinado a nós sobre ser mulher nessa sociedade de classes e, principalmente, ser mulher trabalhadora e periférica.

Dizemos ainda que é impossível sair desse processo de pesquisa as mesmas que entramos, pois são tantos os conceitos e transformações depois de alguns momentos compartilhados com essas mulheres... Remetemo-nos ao momento em que comíamos um cachorro-quente e tomávamos um refrigerante na sala de aula delas, que fica dentro do espaço da cooperativa. Remetemo-nos ainda ao momento em que uma delas nos pedia o que sobrou porque estava sem gás em sua residência há dias.

Ouvir dessas mulheres que ainda crianças conheceram a realidade do trabalho, que conhecem desde cedo a violência, a luta, a violação de seus corpos, e que desde sempre foi assim, tempo de trabalho, “tem que trabalhar para ter o que comer” nos provoca ainda mais a inquietude das relações do capitalismo e patriarcado que nos ensinam, muito cedo, a fazer a lida da casa que se constitui como mão de obra que pode ser vendida.

O pouco tempo para realização da pesquisa nos leva a repensar e pensar e futuramente provoca em nós o desejo de realizar, junto com essas mulheres, ações, para que possamos partilhar nossos aprendizados. Os livros no lixo, para elas, às vezes são luxo. Ir maquiada para o seu trabalho já nos aponta para a importância que esta pesquisa, suas falas, encontros e amorosidade têm na vida dessas mulheres, cada uma com sua particularidade.

Referências

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues, **O que é Educação Popular?** São Paulo: Brasiliense, 2012.

Amanda Motta Castro, Cristiane Troina Ferreira, Raylene Barbosa Moreira



COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 99 – 127, 2016.

CORREIA, Jocimara Maciel; CHIES, Cláudia; FRANÇA, Fabiane Freire. O Empoderamento de Mulheres Aposentadas Rurais: Estudo sobre Agricultoras do Município de Mamborê, Paraná. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 11, n. 1, p. 134 - 151, 2020.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Tradução: Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2019.

GEBARA, Ivone. **A mobilidade da Senzala Feminina**: Mulheres nordestinas, vida melhor e feminismo. São Paulo: Pia Sociedade Filhas de São Paulo, 2000.

GONZALEZ, Lélia. Racismo, Sexismo na Cultura Brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, p. 223-244, 1984.

HIRATA, Helena. Por quem os sinos dobram? Globalização e divisão sexual do trabalho. In: EMÍLIO, Marli; TEIXEIRA, Marilane; NOBRE, Miriam; GODINHO, Tatau (Orgs.). **Trabalho e cidadania ativa para as mulheres**: desafios para as Políticas Públicas. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003.

HIRATA, Helena; ZARIFIAN, Philipe. O conceito de trabalho. In: EMILIO, Marli (org.) **Trabalho e Cidadania ativa para as mulheres**. Desafios para políticas públicas. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional de Saneamento Básico**. Brasil, 2005.

JESUS, Carolina Maria. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

MARTA, Marizete Albino; MORAIS, Allan Robert Ramalho. Gênero e o Assédio Moral nos Espaços Organizacionais de Trabalho: Exclusão que Causam Feridas. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 10, n. 1, p. 109-125, 2019.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 5ª ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MNCR - Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis.

Disponível em: <<http://www.mncr.org.br/>> Acesso em: 20 dez. 2020.

OLIVEIRA, Artur Santos Dias de. **Lixões: O preço da ignorância**. Rio Grande: Salesianos, 1992.

PEREIRA, Lisani da Conceição Patrocínio; AZINARI, Amanda Pereira da Silva; FERREIRA, Waldineia Antunes Alcantara. Participação e Protagonismo das Mulheres no Território da Cidadania da Baixada Cuiabana. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 9, n. 1, p. 107-119, 2018.

SAFFIOTI, Helleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Editora Moderna, 1986.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. 1ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SISTEMA OCB. Anuário do Cooperativismo Brasileiro 2019. 2019. Disponível em: <<https://www.ocb.org.br/publicacao/53/anuario-do-cooperativismo-brasileiro-2019>> . Acesso em: 30 de maio de 2021.

SOLOMON, Barbara Bry ant. **Black Empowerment: Social Work in Oppressed Communities**. Nova York: Columbia University Press, 1976.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. Tradução de Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

ZITKOSKI, Jaime José. A formação universitária contemporânea: olhares em uma perspectiva interdisciplinar. *In*: ZITKOSKI, Jaime José; HAMMES, Lúcio Jorge; KARPINSKI, Raquel (Orgs.). **A formação de professores na contemporaneidade: perspectivas interdisciplinares**. Lajeado: Ed. da UNIVATES, 2017.

Contribuição de Autoria / Contribución de autoría

Amanda Motta Castro: Conceituação, Análise Formal, Metodologia, Administração do projeto, Supervisão, Validação, Visualização, Redação – rascunho original, Redação – revisão e edição.

Cristiane Troina Ferreira: Conceituação, Curadoria de dados, Análise Formal, Metodologia, Administração do projeto, Recursos, Programas, Supervisão, Validação, Visualização, Redação – rascunho original, Redação – revisão e edição.

Raylene Barbosa Moreira: Conceituação, Curadoria de dados, Metodologia, Redação – rascunho original, Redação – revisão e edição.

Recebido em 13 de maio de 2021.

Aceito em 29 de setembro de 2021.

Amanda Motta Castro, Cristiane Troina Ferreira, Raylene Barbosa Moreira

